

Depois que eu perdi a minha mãe eu não quero mais perder ninguém

*Diane Portuguezis**

Helena, uma moça de 23 anos, natural de uma pequena cidade no sul de Santa Catarina, nos conta que a ideia de emigrar para a Alemanha surgiu a partir da experiência de seu irmão mais velho, que trabalhou por muitos anos em sorveterias neste país, e o ponto de partida para a resolução de sua escolha foi a demissão de sua mãe e de seu namorado da empresa em que trabalhavam¹. Helena também estava desempregada há um ano, sem perspectivas de conseguir outro emprego e sem saber se poderia pagar a matrícula de sua faculdade. A impossibilidade de custear seu curso, juntamente com a falta de perspectivas, levou-a a considerar a emigração como opção para resolver os problemas financeiros e ainda conquistar a casa própria “com pouco tempo de trabalho”. Tal decisão se deu no ano de 2017, após pedir em orações que caminhos lhe fossem abertos.

Seu namorado à época consultou familiares e soube que sua descendência italiana poderia lhe dar acesso ao passaporte europeu. Helena se casou com o namorado, que vendeu o carro “e tudo o mais” para fazer os documentos no exterior. Na condição de esposa, Helena teria sua estadia legalizada na comunidade europeia. Assim se consolidou o plano perfeito, no qual percalços não foram imaginados.

O casal, como muitos de sua região, fez seus documentos na Itália auxiliado por uma assessoria composta por brasileiros que conhecem os mecanismos de apoio às burocracias que envolvem a requisição do passaporte italiano. Tal assessoria organiza também a moradia e alimentação de seus clientes até que os documentos fiquem prontos. Helena e o marido permaneceram cerca de quatro meses em um alojamento com outros brasileiros que também aguardavam por seus papéis. Resolvida esta etapa, o casal partiu para a Alemanha rumo ao trabalho em uma sorveteria.

O primeiro ano de trabalho não foi fácil. Ocorreram problemas com a adaptação, que contemplaram o clima com os colegas de trabalho e dificuldades com a língua alemã. Junto a isso, aconteceu a separação do casal, que, em meio ao estresse, não sustentou a relação. Entretanto, por morarem na sorveteria e não terem dinheiro para alugar outro local, permaneceram morando juntos, “a

* Psicóloga, Pós-Doutoranda em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose NEPIM.

gente meio que ficou confinado na mesma casa, mesmo não estando juntos”. A narradora destaca que mantiveram a situação porque não queriam voltar para o Brasil. Tão logo conseguiu um novo trabalho, Helena se mudou.

A interlocutora relata uma série de dificuldades enfrentadas no trabalho, no novo país e em sua separação, que resultou na necessidade de reiniciar o processo de requisição dos documentos na Itália, uma vez que sua estadia na Europa estava atrelada à união com um cidadão italiano.

No ano de 2018, ela voltou para o Brasil para fazer seu divórcio e, no início de 2019, retornou à Itália para requerer seus documentos. Retomou o emprego que já tinha sem o ex-marido. Esse trabalho, no entanto, foi vivenciado como mais difícil que o anterior, pois Helena não tinha companhia - “trabalhava, ia embora, não tinha amigo, não tem festa, tua família é com quem tu trabalha, teus amigos é quem tu trabalha”. Reclusa em seu quarto nas horas livres, seus passatempos eram escutar música, navegar na internet e telefonar diariamente pra sua mãe, a quem era muito ligada.

Ao retornar ao Brasil para resolver sua separação, Helena foi surpreendida por um problema inesperado. Sua mãe começou a passar mal e não se sabia o motivo. “Eu tinha que pesquisar o que minha mãe tinha, eu tinha que resolver minha separação e tinha também um novo namorado na Alemanha, eu tinha todas essas coisas pra cuidar”.

No início de 2019, ao voltar à Itália para fazer sua documentação, foi descoberto o motivo pelo qual a mãe de Helena vinha passando mal: tratava-se de um câncer em estado avançado. Helena, no entanto, não dispunha de dinheiro para retornar ao Brasil “porque eu tava na Itália e eu gastei tudo com documento, foi 20 mil, eu não tinha como voltar”.

Para levantar recursos e ter a possibilidade de visitar a mãe o mais rápido possível, Helena foi “ilegal” para a Alemanha. Ela ainda possuía um documento² do tempo que era casada, que permitia que continuasse trabalhando no país. Foi “escondida”, pois o fato de ter-se divorciado implicaria na invalidação do referido documento. “Como eu já era casada, eu tinha ainda o documento alemão, então eu podia entrar e sair da Itália sem ser barrada”. Para tanto, Helena seguiu trabalhando na Alemanha e indo para a Itália todas as vezes que seus assessores lhe avisavam sobre assinaturas, problemas com a documentação ou fiscalização da polícia migratória, que passa nas casas para comprovar que os residentes realmente vivem na Itália, assegurando assim que os papéis referentes à cidadania italiana possam ter andamento. Entre idas e vindas, foram 6 viagens, sempre rápidas e desgastantes, pois não podia se ausentar da sorveteria por muito tempo. Helena se orgulha pelo feito: “eu consegui trabalhar e fazer o documento ao mesmo tempo”.

Nossa interlocutora conseguiu juntar o dinheiro para ir ao Brasil, mas “não deu tempo”. A passagem foi comprada na quarta-feira e sua mãe faleceu no sábado. “Eu não consegui pegar ela viva e daí eu desisti de vir pro Brasil. Não adiantava chegar lá e eu não ver nada, entendeu?”

Helena seguiu trabalhando e precisou lidar com o fato de não ter podido dar o último adeus à mãe. Ela nos conta que, apesar de o falecimento ter acontecido em 2019, sente que não o elaborou e hoje pensa em retornar o quanto antes para o Brasil, porque teme perder mais alguém da família.

O desejo de emigrar foi construído com base nas histórias de sucesso que sempre escutou na sua cidade e também de seu irmão, alimentado ainda pelo sonho de conseguir comprar uma casa, um terreno e ajudar a mãe, com quem “dividiu a vida”, desde a separação de seu pai na adolescência. “Sempre fui eu quem resolveu tudo, minha mãe trabalhava e pagava as contas, mas era eu quem ia fazer as compras, quem fazia a comida, quem ajudava depois também com dinheiro, ela era minha melhor amiga”. O que Helena não sabia era que as histórias de sucesso que ouvia talvez nem sempre fossem reais. “Cada um tem sua história, né?, só depois é que a gente fica sabendo.”

Os planos migratórios, até então bem estruturados, com o decorrer de sua trajetória se mostraram nada controláveis. Helena rompeu o casamento e precisou gastar um novo montante em dinheiro para refazer seus documentos na Itália. Nesse meio tempo, perdeu a mãe e sequer pôde se despedir. Em 2020, imaginou que “ia fazer dinheiro, mas veio o coronavírus”. Helena se diz ansiosa - “acho que todo mundo tá, que todo mundo que vem pra cá quer fazer dinheiro e ir embora, ter a vida no Brasil, comprar uma casa melhor, tipo aquela coisa, agora tô numa ansiedade, numa frustração que, bom, quando é que eu vou conseguir o que eu quero e ir embora, entendeu?” Helena tinha planos de fazer temporadas na Alemanha por quatro anos e retornar ao Brasil com dinheiro suficiente para construir sua casa. Atualmente, está em seu terceiro ano no país, ainda sem sucesso. Pelo contrário, carrega gastos e soma suas perdas: “eu já tô no meu terceiro ano e não consegui nada”.

Em janeiro de 2020, Helena resolveu mudar de sorveteria e conseguiu nova colocação em fevereiro. Trabalhou por 15 dias até março, quando ocorreu o fechamento dos serviços considerados como não essenciais. Sobreviveu até meados de abril com os trezentos euros que ganhou no mês em que trabalhou. Depois, na metade do mês de maio, recomeçou na sorveteria em horários e dias alternados, uma vez que não podiam abrir para o grande público, funcionando no sistema de entregas delivery ou vendendo bolinhas na vitrine. Os clientes não podem adentrar o recinto ou se sentar às mesas, o que implicou no corte de funcionários e redução da renda pela falta das gorjetas.

Helena não sabe como ficará seu salário, quanto vai ganhar ou quanto tempo seu patrão vai lhe manter no trabalho. Por ser nova nesta sorveteria, não teve contrato de trabalho assinado ou plano de saúde; acredita que, devido ao vírus, o patrão não conseguiu resolver sua situação junto aos órgãos competentes. Ainda se sente insegura com a língua e teme ficar doente. Apesar de desconfiar já ter sido acometida pelo coronavírus no mês de março, não foi ao médico por medo da reação de seu patrão: “aqui é assim, só vai no médico se tiver morrendo, né?,

não confio no patrão” e, atualmente, mesmo usando máscara, tem medo do vai e vem dos clientes e daqueles que pedem para usar o banheiro da sorveteria (o mesmo que ela também utiliza e limpa).

Outro ponto abordado foi a falta de cuidado do patrão com os funcionários. Todo o material de higiene, seja do balcão, como para o atendimento ao público, como luvas e máscaras, são por conta dela. Entretanto, Helena não se queixa - “o patrão paga nossa comida, nos dá trinta euros por semana, também compra água, mesmo sendo com gás, que eu não gosto, eu não vou reclamar. Não dá pra reclamar da água quando a gente já teve patrões piores e trabalhou em lugares piores. Sabe como é italiano, não vai gastar com a gente”.

E assim Helena segue durante a pandemia. Suportando as condições dadas por temer não conseguir algo melhor, por ter um teto, comida e salário, mesmo sem saber ao certo quanto lhe será pago, e um patrão que não se preocupa com as condições sanitárias do local de trabalho, tampouco com os funcionários, mas que lhe compra água. Poderia ser pior...

NOTAS

¹ Adaptação da versão publicada no segundo volume do boletim NEPIM na pandemia. Consultar em <<https://www.nepim.com.br/produ%C3%A7%C3%B5es/nepim-na-pandemia>>. (acesso em 04/08/20).

² O documento em questão tratava-se da carta verde, que comprova o status de cônjuge de um cidadão europeu e assegura o direito a permanecer no país.